



ÚLTIMAS PROVAS: COMO PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS ESTÃO SE PREPARANDO PARA A VIDA PÓS-APOSENTADORIA?

Clístenes Guella Fernandes
clistenesfernandes@ig.com.br
AEDB

Neisa Rejane Machado Fernandes
neisare@yahoo.com.br

RESUMO

O trabalho aborda as questões da aposentadoria e da velhice de professores. Em virtude do aumento da longevidade da população brasileira o tema, pouco estudado até o momento, ganha relevância. Com base na produção nacional sobre o assunto, realizou-se uma pesquisa de campo com docentes de uma instituição de ensino superior privada, do sul fluminense. A consolidação dos dados mostra a existência de incertezas quanto ao futuro, por parte dos professores; a preocupação com as condições de saúde, bem-estar e finanças na pós-aposentadoria; o desconhecimento das condições que envolvem a velhice indicando a necessidade de implantação de programa de preparação para a aposentadoria.

Palavras-chave: professores; velhice; aposentadoria; gerontologia

1. INTRODUÇÃO

A pesquisa em educação contempla inúmeras linhas, diversos enfoques e métodos, muitas abordagens. Observar as instituições de ensino e analisar as condições de trabalho, a qualidade de vida e as perspectivas futuras dos professores são procedimentos importantes para o progresso da educação.

O estudo sobre a comunidade universitária pode ser segmentado em três tipos de sujeitos: docentes, discentes e pessoal técnico-administrativo¹. Observa-se que os aspectos mais estudados sobre o segmento que envolve os professores são carreira, trabalho docente, formas de organização e associação, formação, perfil, educadores; entretanto, não há referências sobre as questões da aposentadoria e da velhice. A pesquisa em pauta denota que ainda não havia preocupação quanto a isto. Pode-se afirmar, analisando inúmeros textos sobre a docência, que professor se constitui objeto de estudo até o momento de se aposentar, a partir do qual passa a viver novas realidades, dedicar-se a outros afazeres, cuidar dos netos, gozar a inatividade.

A realidade hoje é diferente e continua mudando em grande velocidade. As pessoas vivem mais e as famílias se tornaram multiformes. Novas condicionantes sociais, familiares e

¹ Vasconcelos et al (2001) analisaram a produção científica publicada em periódicos de circulação nacional, em um período de vinte e sete anos, em oitocentos e dezessete textos, e quase a metade deles, exatamente quatrocentos e três, eram afetos à categoria Corpo Docente, evidenciando a preocupação dos pesquisadores em relação a esse segmento.

laborais precisam ser estudadas e entendidas. A aposentadoria passa a ser encarada, muitas vezes, como um momento a partir do qual o docente recebe remuneração de aposentado mas, frequentemente, continua trabalhando.

O presente trabalho baseia-se na produção nacional voltada às questões da aposentadoria e da velhice, sob o enfoque da condição docente. Partimos da hipótese de que os professores não se preparam para o momento da aposentadoria e o tema da velhice, de maneira geral, é esquecido ou relegado. Algumas publicações foram localizadas – utilizando descritores como aposentadoria/docentes, professores/idosos – contendo situações de professores da rede pública, alguns atuando na educação básica, porém a maioria no ensino superior. Esses trabalhos apresentam situações de professores que se ressentem com a ausência de instrumentos que facilitem o enfrentamento da última e definitiva etapa da vida, a pós-aposentadoria.

Buscando avançar nos estudos sobre os fenômenos que envolvem a aposentadoria dos docentes, suas preocupações com o futuro e com a velhice, as perspectivas em função do aumento da expectativa de vida, realizamos uma pesquisa de campo junto aos docentes de uma Instituição de Ensino Superior, no Município de Resende, Rio de Janeiro.

2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Adotamos, como ponto de partida, um modelo teórico da psicologia do desenvolvimento conhecido como Modelo Epigenético do Ciclo de Vida, proposto por Erik Erikson, em 1950, que divide o desenvolvimento humano em nove fases. O modelo inicial, que contemplava oito fases, sofreu uma ampliação e esta última fase, chamada de gerotranscendência, (Erikson e Erikson, 1998) contempla os indivíduos que ultrapassam 85 anos de idade.

As três últimas etapas do ciclo de vida correspondem à velhice, no sentido biológico, e o ajuste individual é muito vulnerável ao ambiente social, geralmente com mais intensidade do que em outras fases da vida. Com muita propriedade os autores afirmavam que “a falta de um ideal culturalmente viável da velhice faz com que nossa civilização não tenha realmente onde ancorar um conceito de totalidade da vida”. (ERIKSON, 1998, apud DE LIMA, 2011, p. 265).

Tal constatação é corroborada por De Masi (2001, p. 20) quando afirma que “dividimos artificialmente a nossa vida em três segmentos: o primeiro é inteiramente dedicado ao estudo, o segundo é inteiramente dedicado ao trabalho e o terceiro não se sabe ao que é dedicado”. Este pensamento está presente no imaginário coletivo brasileiro, ou seja, se o indivíduo goza de boa saúde, deve continuar trabalhando para não “ficar a toa”. Muitos aposentados acabam procurando novos empregos, para evitarem a ociosidade e não raramente para ajudarem financeiramente seus familiares.

Para Frankl (1963), apud Neri (2001, p. 20), “o significado da existência é um pré-requisito universal para o bem-estar físico e mental”. O autor sustentava que a consciência de ter uma tarefa a cumprir, a disposição de estabelecer metas e persegui-las, são poderosos motores da vida humana e requisitos para a superação de todas as dificuldades.

Economistas têm afirmado, ao longo dos tempos, que a produção é a solução para resolver o problema fundamental da escassez e que o trabalho se constitui no principal fator para a geração de produtos e serviços. Desde os primórdios da civilização, o trabalho sempre teve importância na vida dos indivíduos. Psicologicamente é considerado como um dos grandes responsáveis pela nossa autoestima. Em nosso cotidiano é visto como um

gerenciador de nosso tempo, regulando os horários para atividades produtivas e para o lazer; influenciando, diretamente, em nossas relações sociais, pessoais e afetivas.

Em nossa sociedade, de acordo com Demo (2006, p. 14), o trabalho tem prioritariamente valor produtivo e, embora a educação não tenha o mercado como finalidade maior, julga necessário registrar uma ressalva: “fazem mal os educadores que resistem a tomar em conta a importância do trabalho produtivo na vida das pessoas”. O autor apresenta outros aspectos fazendo considerações sobre o pensamento marxista de que o trabalho é a energia fundamental do processo histórico e representa a auto-realização humana. Acrescenta que o trabalho pode ter valor educativo e através dele o jovem adquire conhecimentos, habilidades e reconhecimento social; pode ter valor cultural, no qual se reconhece “a construção histórica da cultura comum como trabalho coletivo”; pode ter valor terapêutico para “ocupar a cabeça”, no sentido de fazer esquecer problemas e se realizar como indivíduo; pode ter valor pessoal, quando executado com satisfação e significado; e finalmente ter valor coletivo, unindo auto-realização e contribuição para o bem comum.

Analisando a relevância do trabalho sob esses múltiplos olhares, deduz-se que o indivíduo pode sofrer reações adversas e prejudiciais quando se afasta do mundo do trabalho, conforme registraram Zanelli e Silva (1996), sofrendo “imposições de mudanças no mundo pessoal e social”. Ao se desligarem dos vínculos de muitos anos, os aposentados sofrem pressão da sociedade que agravam as condições psicológicas individuais, contrariamente ao que se deseja a todo indivíduo que inicia uma nova fase de vida.

Para Fernandes (2011, p. 26), para enfrentar a fase final da existência não bastava “nascer rico para se manter um padrão de vida confortável, ou um bom emprego que resultasse numa aposentadoria substancial para assegurar uma velhice segura em suas necessidades de moradia, alimentação, saúde, lazer”. Percebe-se a importância de um bom planejamento que acompanhe as condições flexíveis tanto do ser humano quanto das organizações que lhes cercam, tendo em vista o grande número de pessoas envolvidas em qualquer instituição, movidos e motivados pelos mais diversos interesses. Estando aposentado, o indivíduo precisa reaprender a “ser, conviver e a estar junto”. Conforme França (1999), a pessoa ao se aposentar, mais do que apenas liberdade de escolha, “precisa ser o gerente de seu projeto de vida, administrando suas perdas e reavaliando seus desejos e perspectivas em função de suas possibilidades”. No que acrescentaríamos a necessidade de uma análise minuciosa destas possibilidades indo desde a funcional, que exige um olhar à saúde, passando pela profissional e financeira, pois, muitos de nossos projetos geram custos ou exigem investimentos.

Jareta (2011) aborda a carreira de professor, nos EUA, como uma alternativa para profissionais com vários anos de experiência em diversas ocupações e particularmente os aposentados, iniciarem uma nova carreira, mantendo-se ativos e gerando renda. O *National Center for Education Information* realizou estudo que mostrando que professores com ingresso tardio ocupam uma fatia importante entre os docentes que chegam ao sistema educacional.

O crescimento do interesse dos americanos em seguir a carreira de professor após a aposentadoria é motivado por vários fatores, entre eles o desejo de desafios, a necessidade de se sentir útil e ativo e, também para complementar a renda. O departamento de Educação do governo americano criou até um site (Teach.gov) para dar orientações sobre como e onde obter formação e certificação para se candidatar a uma vaga de professor. (JARETA, 2011).

De acordo com Moragas (1997) algumas empresas têm utilizado sistemas para evitar que a aposentadoria seja instantânea, mediante prolongamento das férias, redução da jornada de trabalho e outras medidas visando à transição progressiva de um trabalho em tempo integral para a ausência dele. Outras instituições estão iniciando programas de recolocação no mercado de trabalho dos profissionais que se aposentam.

Todo aposentado, se não pretende exercer outra ocupação, tem obviamente direito ao ócio, porém há que se mencionar as consequências negativas da falta de atividades. Segundo Izquierdo (2003) a doença de Alzheimer acontece, ou se apresenta agravada entre as pessoas pouco intelectualizadas, ou seja, a leitura, o estudo, o exercício da memória e do raciocínio, são atividades comprovadamente eficazes contra o Alzheimer e outras doenças demenciais. Do mesmo modo, a atividade física ajuda a manutenção da boa saúde reduzindo diabetes, osteoporose, aterosclerose, hipertensão e até mesmo câncer. A depressão é outra grave patologia que pode estar relacionada ao ócio, isto é, á falta de ocupação, de objetivos a perseguir, de significação existencial.

3. METODOLOGIA

Para atingir o objetivo do trabalho decidiu-se estudar um caso específico envolvendo docentes. O universo da pesquisa constitui-se dos professores que atuam em uma instituição privada de ensino superior em Resende, RJ. Trata-se da Associação Educacional Dom Bosco, que reúne as Faculdades de Ciências Econômicas, Administrativas e da Computação Dom Bosco; Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Dom Bosco e Faculdade de Engenharia de Resende, totalizando quinze cursos de graduação.

A finalidade da pesquisa de campo era realizar um estudo transversal exploratório, quali-quantitativo, sem a pretensão de ser conclusivo, mas sim para a obtenção de dados relevantes à formulação de questões e respostas iniciais para análise e reflexão, considerando a pequena quantidade de trabalhos disponíveis em bancos de dados virtuais consultados, como por exemplo, o Portal de Periódicos da CAPES.

Foram adotadas as seguintes etapas de pesquisa: estudo de textos para fundamentação teórica; discussão sobre procedimentos metodológicos e montagem de questionário; pesquisa de campo; tabulação; construção de gráficos e análise dos resultados.

3.1 PESQUISA DE CAMPO

No caso dos professores, o estudo sobre aposentadoria geralmente envolve indivíduos em pleno estado de integridade física e principalmente mental, ou seja, em condições de um recomeço, com previsão de um fim distante ainda. Com a finalidade de aproximarmos mais desta realidade, lançamos algumas perguntas, organizadas em questionário, para elucidarmos algumas questões importantes, sobre preparação para a aposentadoria e para a velhice.

As questões partiram da identificação da condição dos docentes sobre gênero, faixa de idade e situação de trabalho atual. Em prosseguimento versaram sobre as atividades consideradas importantes antes de se aposentar, a implantação de programa de preparação para a aposentadoria, os significados e as dúvidas mais relevantes para a pós-aposentadoria, incluindo a qualidade de vida na velhice.

Os questionários foram elaborados com quinze itens, sendo três deles com perguntas abertas e doze com perguntas fechadas. Orientou-se que os instrumentos não fossem identificados. Após aprovação por parte da Direção da instituição, os questionários foram colocados nos escaninhos de todos os cento e sessenta e quatro professores em exercício, para que os respondessem voluntária e anonimamente. Foram respondidos trinta e seis questionários.

4. RESULTADOS

Os primeiros itens permitiram mapear os intervalos de idade dos respondentes (Gráfico 1), verificando-se a maior ocorrência entre **cinquenta e cinquenta e nove** anos, faixa que antecede a maior parte das aposentadorias de professores e o início da velhice, que ocorre aos sessenta anos, segundo a legislação brasileira.

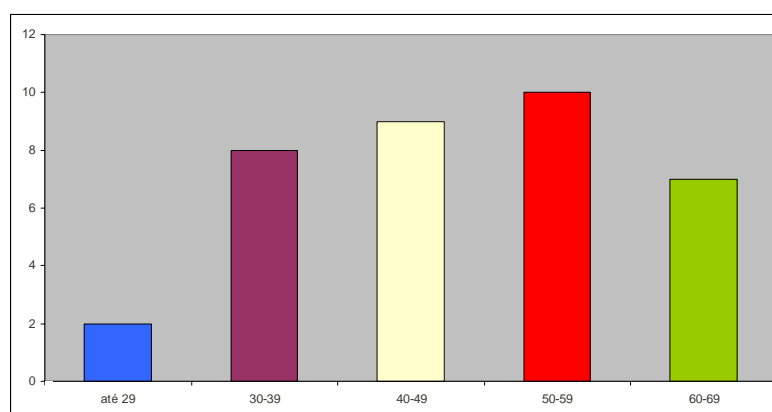


Gráfico 1: Idade dos professores que responderam à pesquisa

As respostas indicam que a idade média dos docentes é relativamente avançada e a situação individual em termos de emprego (Gráfico 2) confirma tal informação. Verifica-se pelo gráfico que oito por cento dos professores trabalham exclusivamente na instituição; a maioria da amostra, **sessenta e um** por cento, possui outro emprego, fato esperado pois as aulas, na instituição pesquisada, acontecem prioritariamente no período noturno; e **trinta e um** por cento dos docentes já estão aposentados, como professores ou em outras ocupações.

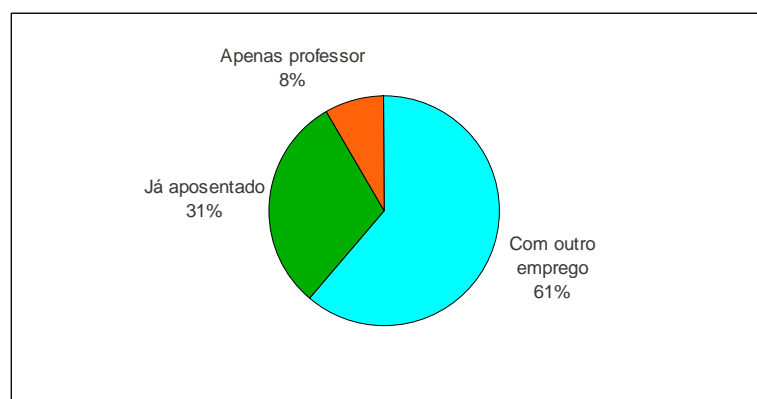


Gráfico 2: Situação de trabalho dos professores

Foi elaborada uma pergunta aberta questionando “com que idade pretende parar de trabalhar definitivamente” e os resultados estão expressos no Gráfico 3, de onde se destaca a

informação de que apenas seis professores pretendem parar de trabalhar até os sessenta anos, inclusive. A maioria seguirá trabalhando mesmo sendo considerado idoso, segundo a nossa legislação. A moda recai na idade de **setenta** anos, talvez por coincidência ou pela manifestação inconsciente do limite estabelecido para a aposentadoria compulsória dos professores do serviço público.

O limite de idade para a aposentadoria compulsória, a par do argumento da necessária renovação dos quadros no serviço público, tem enfrentado muitas críticas. Segundo Jareta (2011) muitos docentes das universidades públicas são afastados contra a vontade em nosso país, deficiente na formação de mestres em todas as áreas, desperdiçando toda a sua capacidade intelectual e experiência. Observa-se um grande número de professores lotados em instituições públicas, continuam trabalhando na mesma instituição após se aposentarem, sem receber qualquer incentivo ou remuneração.

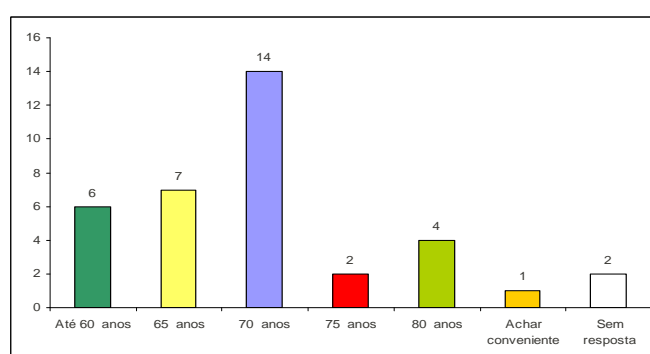


Gráfico 3: Idade em que pretende parar de trabalhar definitivamente.

A presente pesquisa confirma a satisfação pessoal como importante motivo para o docente que se aposentou em outro emprego continuar trabalhando, representando **trinta e quatro** por cento da amostra, de acordo com o Gráfico 4. Ressalta-se que em segundo lugar aparece o motivo financeiro e manter-se ocupado, ambos com **vinte e quatro** por cento. O aspecto financeiro é bastante explorado em estudos sobre os baixos salários dos professores e as questões previdenciárias brasileiras. Transmitir conhecimentos foi um dos motivos apresentados no questionário, com a intenção de verificar a identificação com a prática docente, o que foi objeto de observação por parte de um professor por apresentar uma “visão tecnicista”. Mesmo assim, tal descrição apareceu em **dezoito** por cento das respostas. Por ocasião da tabulação dos dados, observou-se com surpresa que as respostas referentes a status, hábito ou rotina, apresentaram **valor nulo**.

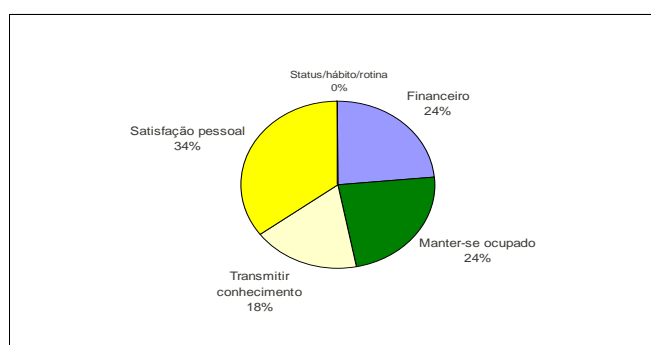


Gráfico 4: Motivo pelo qual o docente aposentado continua trabalhando.

Quanto à possibilidade de criação de um Programa de Preparação para Aposentadoria (PPA) para os docentes, **noventa e quatro** por cento dos docentes responderam que consideram importante tal iniciativa e apenas **seis** por cento responderam negativamente.

A legislação brasileira estimula a adoção de Programas de Preparação para a Aposentadoria. A letra c) do inciso IV, do artigo 10 da Política Nacional do Idoso, Lei 8842, de 4 de Janeiro de 1994, estabelece como competência dos órgãos e entidades públicos na área do trabalho e previdência social “criar e estimular a manutenção de programas de preparação para aposentadoria nos setores público e privado com antecedência mínima de dois anos antes do afastamento”. O artigo 28 do Estatuto do Idoso estabelece a criação e estímulo, por parte do Poder Público, de programas de “profissionalização especializada para os idosos, [...] preparação dos trabalhadores para a aposentadoria, com antecedência mínima de um ano [...] e estímulo às empresas privadas para admissão de idosos ao trabalho”.

O Gráfico 5 traduz o resultado das dimensões consideradas mais significativas para a qualidade de vida após deixar de trabalhar. Alguns professores pesquisados assinalaram mais de uma resposta. Observa-se a preponderância do bem estar físico e material com **quarenta e dois** por cento das respostas. Em seguida aparece desenvolvimento pessoal e realização com **trinta e um** por cento.

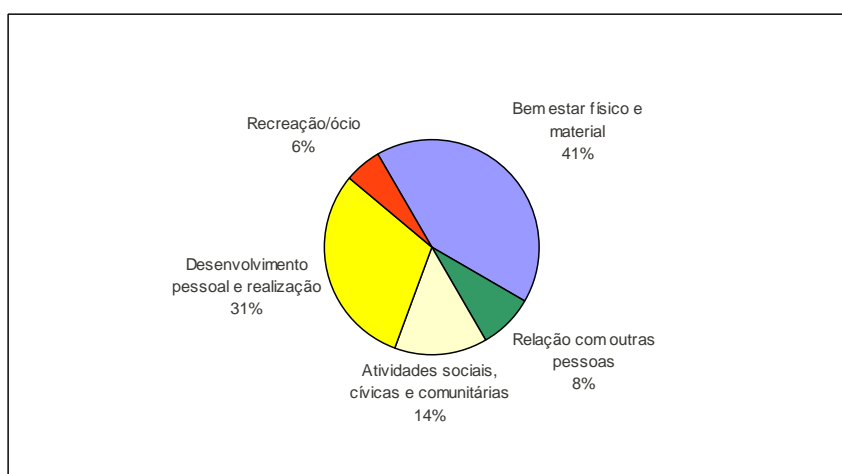


Gráfico 5: Dimensão mais significativa para a qualidade de vida do aposentado.

Algumas declarações registradas em nossa pesquisa de campo, em outro item, respondendo uma pergunta aberta sobre **o que pode tornar a vida melhor na velhice**, ratificam as opiniões consolidadas no gráfico:

cuidar da saúde (bem cuidada) ainda na juventude, preparar psicologicamente para enfrentar esta nova etapa (P 6) manter-se ocupado, buscando integridade social e preocupando-se em viver bem e feliz (P 27) passeios, viagens, família próxima (P 22) planejamento que possa ser flexível às mudanças da vida e que possa ser sustentado em tempos de dificuldades financeiras e/ou de saúde (P 3).

A aposentadoria traz perdas importantes na área afetiva, no convívio diário, nas manifestações de camaradagem. Um estudo de Both (2004) apresenta respostas de professores aposentados nas quais o que mais sentiam falta era do contato com a juventude, a convivência

que renovava o cotidiano. Aparentemente estas perdas não são percebidas por aqueles que ainda estão trabalhando, de acordo com a amostra deste estudo (Gráfico 5), **quatorze** por cento dariam prioridade a atividades sociais, cívicas e comunitárias e apenas **oito** por cento registraram a relação com outras pessoas como aspecto mais significativo. Semelhante análise pode ser feita em relação à necessidade de recreação e ócio; apenas **seis** por cento das respostas contemplaram este item, indicando que a dedicação a passatempos e ao descanso é considerada pouco relevante.

Um estudo qualitativo, apresentado por HOPF (2002), analisa a percepção dos professores sobre sua carreira com a chegada da aposentadoria. Os professores entrevistados não pensaram no que iriam fazer ao se aposentarem. Desempenharam suas funções até o último dia, envolvidos com suas tarefas e acabaram lamentando a passagem para uma situação de inatividade, como se não soubessem que iria acontecer. A autora expressa que pessoas realizadas profissionalmente consideram amargo o desinvestimento no percurso profissional.

O Gráfico 6 apresenta as dúvidas mais importantes dos docentes em relação à velhice, aparecendo em **sessenta e sete** por cento das respostas que as questões da saúde são as mais significativas. Em segundo plano aparecem as condições financeiras com **dezenove** por cento apontando dois aspectos que, preponderantemente, deveriam ser abordados em um programa de preparação para a aposentadoria.

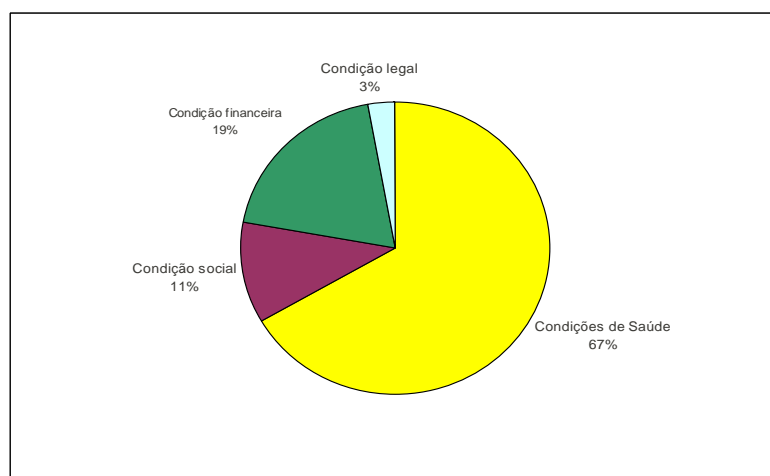


Gráfico 6: Dúvidas quanto à velhice.

Em resposta a outra questão sobre velhice, dois terços manifestaram preocupação e um terço respondeu negativamente. Supõe-se que as dúvidas a respeito do tema da saúde são preponderantes em virtude da formação da maioria dos docentes, devido à composição dos cursos da instituição, mais voltados para as áreas administrativas, sociais e tecnológicas.

Os docentes precisam receber orientações em função de suas angústias e, também, para atender ao artigo vinte e dois do Estatuto do Idoso que estabelece: “nos currículos mínimos dos diversos níveis de ensino formal serão inseridos conteúdos voltados ao processo de envelhecimento, ao respeito e à valorização do idoso, de forma a eliminar o preconceito e a produzir conhecimentos sobre a matéria.”(BRASIL, 2003).

5. CONCLUSÃO

A preparação para a aposentaria é atualmente um assunto bastante importante para as instituições, em função do aumento da expectativa de vida da população brasileira. Em nosso país verificamos alguns avanços, através de estudos, e, até por força legal, a favor de um envelhecimento saudável, digno e integrado à sociedade.

Preparação para a aposentadoria e orientação para os idosos tornaram-se atividades indispensáveis para uma fase da vida importante, onde as limitações, da maioria, ainda não estão visíveis, mas que podem aparecer a qualquer momento. Neste caso analisamos a vida gerontologicamente, onde a ideia é de bem estar geral e de máximo proveito, como um prêmio a quem dedicou com afinco seus bons anos de vida ao trabalho árduo, os quais deveriam ter seu início de preparação logo após o nascimento, e ao longo de sua vida, dentro da concepção que os comportamentos desde a infância influenciam a caminhada rumo ao envelhecimento.

Professores da Associação Educacional Dom Bosco, instituição de ensino superior do sul fluminense, consideram importante a criação de um programa de preparação para a aposentadoria. A ideia da aposentadoria leva o indivíduo a vários sentimentos, alguns de euforia e outros de angústia. A euforia causada pela possibilidade de traçar e atravessar uma nova fase mais livre, desamarrando-se de laços formais da existência profissional regida por normas, espaços e horários. Já a angústia alia-se a pensamentos de que a idade atingida aproxima o indivíduo de momentos menos saudáveis, de dificuldades e limitações físicas, além da condição socioeconômica que pode ficar fragilizada, em função de um afastamento do grupo social, ou porque filhos e netos, muitas vezes, ainda necessitam de sua ajuda financeira.

Cora Coralina ensinou que “todos estamos matriculados na escola da vida, onde o mestre é o tempo”. Alguns paradigmas adotados em nossa sociedade acabaram estabelecendo idades como 60, 65 ou 70 anos como limites para a atividade laboral, o que nos leva a questionar se estes parâmetros são sempre benéficos ou podem ser prejudiciais, estigmatizando as pessoas segundo a quantidade de anos vividos.

Pode-se afirmar que a maioria dos professores não está preparada para a pós-aposentadoria onde passarão as últimas provas, no sentido de provações, ou realizarão derradeiras avaliações para as quais foram pouco preparados, desconsiderando inclusive a finitude da vida.

Segundo nossos estudos, a criação de programas de preparação para a aposentadoria é muito importante. Por sua complexidade e abrangência há necessidade de formação de equipes multidisciplinares reunindo gerontólogo, assistente-social, psicólogo, terapeuta ocupacional, médico, nutricionista e fisioterapeuta, entre outros profissionais, por meio de contratos ou parcerias.

Grandes organizações estão implantando programas de preparação para a aposentadoria, realizando seminários e outros eventos de caráter informativo. Sensibilizar as pessoas sobre o PPA, recrutar especialistas e capacitar profissionais são algumas medidas iniciais que podem ser adotadas. O presente trabalho pretende chamar atenção para o assunto e contribuir de modo incipiente para reflexões e estudos futuros.

6. REFERÊNCIAS

- BOTH, T.L. **Jubilamento**: o interdito de uma vida de trabalho e repercussões na velhice. Dissertação de Mestrado em Psicologia Social. Faculdade de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.
- BRASIL. **Estatuto do Idoso**. Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003.
- BRASIL. **Política Nacional do Idoso**. Lei nº 8.842, de 4 de Janeiro de 1994.
- CAPES. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **Portal de Periódicos**. Disponível em <<http://www.periodicos.capes.gov.br/index.php?>>. Diversos acessos entre abril e junho de 2012.
- DEMO, P. **Trabalho**: Sentido da Vida! B. Téc. SENAC, Rio de Janeiro, v. 32, N.1, jan/abr, 2006. p. 5-17.
- DE LIMA, P.M.R.; COELHO V.L.D.; GÜNTER, I.A. Envolvimento vital: um desafio da velhice. **Geriatrics & Gerontology**. Brazilian Geriatrics & Gerontology. Órgão Oficial de Publicação Científica da Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia. V.5 N.4.Oct/Nov/Dez 2011.
- DE MASI, D. **A Economia do Ócio**. Rio de Janeiro: Sextante, 2001.
- FERNANDES, N. R. M. **A Gestão dos Serviços Gerontológicos, baseada nas Avaliações Periódicas Gerontológicas/Geriátricas de uma Instituição de Longa Permanência para Idosos – Um Modelo Brasileiro**. Orientadora: DE LIMA M. de J. J.S. Proyecto Final de Máster para la obtención del Título de Máster en Gerontologia Social. 2011. 138 folhas.
- FRANÇA, L.H.de F.P. Preparação para Aposentadoria: desafios a enfrentar. In VERAS, Renato P. (Org.) **Terceira Idade**: alternativas para uma sociedade em transição. Rio de Janeiro: UNATI-UERJ. 1999. P. 11-34.
- HOPF, A.C.O. **Fico ou Vou Embora?** - Os sentimentos expressos por professores diante da aposentadoria. Revista da Educação Física/UEM. Maringá, v. 13, n.2 p. 89-96, 2.sem. 2002.
- IZQUIERDO, I. **Questões sobre memória**. São Leopoldo: Unisinos, 2003.
- JARETA, Gabriel. Caminho Alternativo. **Revista Educação no mundo**. Edição 179. Disponível em <http://revistaeducacao.uol.com.br/textos/179/caminho-alternativonos-eua-profissionais-aposentados-passaram-a-enxergar-a-carreira-251796-1.asp>. Acesso em 16 mai 2012.
- _____. Mão de obra desperdiçada. **Revista Educação no mundo**. Edição 179. Disponível em <http://revistaeducacao.uol.com.br/textos/179/mao-de-obra-desperdicadamesmo-com-graves-deficiencias-na-formacao-de-251789-1.asp>. Acesso em 16 maio 2012.
- MORAGAS, R. M. **Gerontologia Social**: envelhecimento e qualidade de vida. Trad. RODRIGUES, N. C. São Paulo: Paulinas, 1997.
- NERI, A. L. O Fruto Dá Sementes: processos de amadurecimento e envelhecimento. In: NERI, A. L. (org.). **Maturidade e Velhice**: Trajetórias individuais e socioculturais. Campinas, SP: Papirus, 2001.
- VASCONCELOS, H. C. de; MEDEIROS L. G. M; SEIFFERT, O.M.L.B; CHAVES, V.L.J. A comunidade universitária. In MOROSINI, M.C. **Educação Superior em Periódicos Nacionais (1968-1995)**. Série Estado do Conhecimento nº 3. Brasília: MEC/Inep/Comped, 2001.
- ZANELLI, J.C. & SILVA, N. **Programa de Preparação para Aposentadoria**. Florianópolis: Insular, 1996.